

Inglês como Língua Franca e EaD¹

José Cristiano de Oliveira Sampaio

No mundo contemporâneo globalizado, estuda-se o inglês principalmente para o seu uso como língua franca - ILF, isto é, em contextos internacionais. A literatura atesta as características fonológicas próprias do Inglês como Língua Franca. O objetivo deste artigo é indicar as principais de tais características do ILF e apontar a viabilidade de se ensiná-lo na modalidade EaD.

Palavras-chave: Inglês como língua franca - pronúncia - ensino – EaD

A crescente internacionalização da língua inglesa é um fenômeno concomitante à globalização. Estima-se² que 1,5 bilhão de pessoas utilizem o inglês como L1 ou L2. Os falantes L2 são mais numerosos que os nativos (L1) e aprendem inglês com o objetivo de, principalmente, utilizá-lo como língua internacional ou língua franca, porque é hoje o principal idioma nos negócios transnacionais, na diplomacia, nas ciências, na cultura e no turismo. O inglês tem ainda notável destaque como língua da computação e das comunidades livres. Por conseguinte, a maior parte dos falantes L2 utilizam a língua para contato com outros falantes L2, não com os nativos. Com efeito, Seidlhofer (2011) define o inglês como língua franca assim:

Any use of English among speakers of different first languages for whom English is the communicative medium of choice...

Entretanto, no ensino de inglês, prevalece uma ideologia que privilegia os modelos *GA* (*General American*) e *RP* (*Received Pronunciation*), respectivamente. A essa ideologia Jenkins (2000) denomina *Standard language ideology*, e é precisamente contra tal que os proponentes do *English as a Lingua Franca* (ELF ou ILF) militam academicamente, pois além da imposição de um modelo de pronúncia que desrespeita as identidades dos falantes L2, exigir que os falantes L2 se conformem a um modelo que é impositivo sobre os próprios nativos é, no mínimo, um esforço pedagógico desnecessário e irrealista.

Dito isso, convém salientar que o ILF não implica um modelo único nem substituição aos convencionais padrões *GA* ou *RP*, mas se trata do reconhecimento das diversas variantes de inglês como variantes “legítimas”,

¹ UEADSL 2015.1

² www.davidcrystal.com/?fileid=-4038

com características próprias, conforme o paradigma dos *World Englishes*. Assim, seria legítimo o inglês brasileiro, em que o falante brasileiro de inglês L2 pode falar o idioma mantendo seu próprio *accent* de falante nativo de português brasileiro. Jenkins (2000) relembra, todavia, que para aqueles que estudam inglês com a finalidade de se comunicarem principalmente com falantes L1 é altamente recomendável que se conformem a um dos modelos *standard*; para aqueles, o modelo mais apropriado seria o *English as Foreign Language*, EFL ou ESL, English as Second Language e não o ELF.

Os oponentes do ELF (ILF) descrevem as características próprias do inglês utilizado em contextos de língua franca como “erros”, gramaticais ou fonológicos. Por outro lado, para os pesquisadores do ILF, como Seidlhofer (2011) e Jenkins (2000), os critérios da inteligibilidade e da recorrência são determinantes para o reconhecimento da legitimidade do uso linguístico. Em seu livro *The Phonology of English as an International Language* (2000), a última autora desenvolve o conceito de *lingua franca core*, LFC, isto é, o núcleo essencial da pronúncia que o falante L2 não deve deixar de adquirir a fim de se fazer entender num contexto de língua franca. Entre tais características, que a pesquisadora aponta como prioridades pedagógicas, estão:

1) Consoantes

Todas as consoantes devem ser pronunciadas como no uso L1, com exceção do *th*, que não precisa necessariamente ser pronunciada como /θ/ ou /ð/, algumas substituições são permitidas; o /l/ escuro não é necessário, podendo ser substituído pelo /l/ claro ou /ʌ/. Os *es* de palavras como *all*, *folk*, *little* podem ser pronunciados como claros, escuros ou com /ʌ/ sem nenhuma perda de inteligibilidade; o *t* e *d* intervocálicos devem seguir a pronúncia britânica e não a americana, evitando-se, assim, o *tepe* /t̚/ e /d̚/, como em *city* /'sɪ.t̚.i/; o /r/, ao contrário, deve ser pronunciado como no GA, onde quer que ocorra no *spelling*.

2) Encontros consonantais

Os encontros consonantais no início de palavras não devem ser simplificados; por exemplo, o *erre* de *proud* não pode ser omitido sem resultar

em ininteligibilidade; os do meio e fim de palavras podem ser simplificados se isso facilitar a articulação, especialmente em encontros que contenham /t/ e /d/ como em *postman*.

3) Vogais

O contraste entre vogais longas e breves deve ser mantido, como em *peel* e *pill*. Quanto à qualidade vocálica deve-se manter uma consistência, ou seja, não se ficar alternando diferentes pronúncias, por exemplo, pronunciar a palavra *bus* /bʊs/ num momento e /bʌs/, noutro. A vogal /ɜ:/ deve ser pronunciada apropriadamente como em *girl* e *first*.

Além dessas, são também imprescindíveis para a inteligibilidade a entonação de grupos de palavras e das sílabas tônicas.

Kachru (1982), para entender o uso do inglês no mundo, concebeu o modelo dos três círculos concêntricos; neste, o círculo interno representa as bases tradicionais da língua (principalmente Reino Unido, EUA, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda e a parte anglófona do Canadá); o círculo externo representa os países nos quais o inglês não é L1, mas, onde, por razões históricas, tem importante papel nas instituições ou é uma das línguas oficiais (Índia, Nigéria, Filipinas, Paquistão, Bangladesh e outros); e o círculo de expansão, que engloba os países em que o inglês não tem nenhuma função oficial ou histórica, mas onde é estudado e falado como língua estrangeira.

A relação que se estabelece entre os três círculos é de dependência. A língua considerada padrão é a emanada do círculo interno, isto é, daqueles países que são os provedores da norma, enquanto os dos demais círculos, dependentes da norma. Em outras palavras, o padrão gramatical da língua é o uso nativo, o inglês como língua nativa (ILN), falado pelo círculo interno.

Por um lado, nessa relação de dependência dos círculos externos ao interno se desnudam preconceitos e exclusões identitárias, onde a norma padrão ou *standard* é ferramenta de exclusão e de desrespeito à alteridade. Por outro, Schmitz (2014) afirma que uma das contribuições dos três círculos concêntricos é a de que este modelo destaca que o mundo é multilíngue e que

o multilinguismo é, de fato, a regra, enquanto o monolinguismo é a exceção, contrariando certo senso comum sobre o assunto.

A ideia de que o mundo é multilíngue vem ao encontro do ILF, pois o multilinguismo pode também englobar variantes de uma mesma língua. O ILF não é uma variante única, mas uma amálgama de diversas formas de inglês que, não obstante as diferenças, se observado o LFC, proporciona o entendimento entre falantes de diferentes L1. O LFC permite aos indivíduos expressarem suas identidades, pois os *accents* regionais devem ser considerados variantes devido às diferentes L1 e não erros de pronúncia. A reconsideração dos “erros” fonológicos para aqueles que aprendem inglês para o uso em contexto de língua franca é, portanto, uma importante implicação pedagógica do LFC.

No que tange ao ensino, sobretudo na modalidade EaD, as tecnologias da informação proporcionam sempre novas possibilidades. Segundo Moran (2005), a educação está a cada vez mais saindo do espaço físico da sala de aula para ocupar outros e, com as tecnologias cada vez mais rápidas e integradas, o conceito de presença e distância se altera profundamente. O ensino de inglês tem na modalidade EaD uma grande ferramenta, pois abre a possibilidade de interações à distância com falantes de diferentes variantes de inglês e, sobretudo, com outros falantes não nativos. Para os objetivos do ELF, a modalidade EaD torna-se, hoje, uma ferramenta imprescindível.

Referências bibliográficas

JENKINS, J. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KACHRU, B. B. *The Other Tongue. English Across Cultures*. Urbana, Ill. University of Illinois Press, 1982.

MORAN, J.M. *Tendências da educação online no Brasil (2005)*. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/tendencias.pdf. Acesso em: 20abr2015.

SCHMITZ, J.R. Looking under Kachru's (1982, 1985) three circles model of World Englishes: the hidden reality and current challenges. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n.2, p. 373-411, 2014.

SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2011.